

DEUS E TEMPO: A PROPÓSITO DE UM LIVRO SOBRE CLARICE E KIERKEGAARD*

God and Time: to the purpose of a book about Clarice and Kierkegaard

Maria Lourdes do Nascimento**

RESUMO

O artigo tem por foco o livro *Um Deus no Tempo ou um Tempo Cheio de Deus*, de Marília Murta de Almeida. Os campos do livro são a literatura e a filosofia e a relação entre ambas. A autora explora o viés filosófico do romance *Uma Aprendizagem*, de Clarice Lispector e estabelece um diálogo entre a romancista e Kierkegaard, ou entre a relação de transcendência entre o ser humano e o absoluto, desenvolvido no romance pela personagem Lóri, que trava uma luta consigo mesma diante da abertura que a vida lhe oferece e as noções de paradoxo e instante kierkegaardiana.

Palavras-chave: Amor; Deus; finitude e transcendência.

Abstract

This article focuses the book *Um Deus no Tempo ou um Tempo Cheio de Deus*, from Marília Murta de Almeida. The book's fields are Literature and Philosophy and the relationship between both. The Author of the book explores the philosophic way of the novel *Uma Aprendizagem*, by Clarice Lispector, and makes a dialog between Clarice Lispector and Kierkegaard, or between the transcendence of the Absolute and the human being, developed in the novel by the

* Artigo enviado em 14/04/2012, aprovado para publicação em 07/05/2012.

** Mestranda em Filosofia, FAJE/BH. Contato: marialourdescesec@hotmail.com

character Lóri, that fight against herself in front of an opening which life gives her, and the kierkegaardian notions of paradox and instant..

Keywords: Love; God; finitude and transcendence.

1. INTRODUÇÃO

O livro *“Um deus no Tempo ou um Tempo de Deus”* é o resultado de um trabalho de pesquisa desenvolvido para dissertação de mestrado da pesquisadora Marília Murta de Oliveira, que pertinentemente vê na obra de Clarice Lispector um viés filosófico em um romance que aparentemente não pretendia nada além de relatar uma história de amor. No cômputo da obra de Clarice Lispector, o livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* foi alvo de crítica por especialistas literários e considerado de pouca relevância, entretanto, tem sido objeto de estudos. Marília Murta não foi pioneira na elucidação de questões filosóficas a partir de obras literárias. Pesquisadores como Lúcia Helena, Vilma Arêas, Olga de Sá e Benedito Nunes, já percorreram este caminho, também analisando obras de Lispector.

O estudo desenvolvido por Marília Murta, segundo Paulo Margutti¹, que apresentou seu trabalho, aborda filosoficamente uma obra literária e as relações desta interseção no pensamento filosófico brasileiro. Aqui os escritos literários tendem ser mais bem elaborados como também mais valorizados que os escritos filosóficos, tendência recorrente na história literária brasileira. Nota-se ainda, no ensino de filosofia, maior ênfase na história da filosofia que no filosofar propriamente dito.

O livro *Um Deus no Tempo ou um Tempo Cheio de Deus* encontra-se didaticamente estruturado. Buscou delimitar o campo de atuação da literatura e da filosofia e a relação entre eles. Num segundo momento cuidou-se em explorar o viés filosófico do romance, e, por último estabeleceu um diálogo entre Clarice Lispector e Kierkegaard, ou entre a relação de transcendência entre o ser humano e o absoluto desenvolvido no romance pela personagem Lóri, que trava uma luta consigo mesma diante da abertura que a vida lhe oferece e elucida as noções de paradoxo e instante kierkegaardiana.

2. FILOSOFIA E LITERATURA

A partir de uma obra literária que fora considerada um romance malgrado por fugir aos padrões estéticos da literatura brasileira, na qual os romances, quase como regra, detêm as relações amorosas entre personagens, no livro *Uma Aprendizagem*, Clarice Lispector distancia-se deste jargão e abre uma discussão ampla acerca da

¹ Paulo R. Margutti Pinto, ex-professor de filosofia da UFMG e da FAJE.

relação do homem consigo mesmo e com Deus. Relação entre a vida ordinária dos personagens encerrada no tempo e aquilo que transcende. “Na fruição da vida no tempo, limite da condição humana, há a possibilidade de abertura para o transcendente. No contexto da filosofia, esta seria uma condição em que imanência e transcendência fariam parte de uma mesma realidade” (p. 21).

A convergência entre o homem e Deus desperta em Marília Murta o interesse de elucidar o tempo propriamente dito na vida cotidiana e a relação entre o homem e o divino. Outro aspecto motivador foi a forma instigante que questões filosóficas como transcendência, o homem como um ser aberto para a vida e o modo de ser-com-os-outros no mundo se faz com leveza num diálogo literário. O tema do amor também é tratado de forma sedutora, por perpassar pelas várias formas de amar: o outro, a si mesmo, os objetos mundanos e, finalmente, o amor a Deus. Por último, a pesquisadora demonstra interesse pela própria autora, e pelo pensamento filosófico brasileiro considerado *inexistente*², que de forma peculiar utiliza a literatura como autoconhecimento e privilegia-a em relação aos demais escritos, inclusive os filosóficos que de modo geral usam uma linguagem “técnica” nem sempre acessível à maioria dos leitores. Estes fatores foram determinantes na escolha da obra, que foi objeto de estudo, e justificam o interesse pessoal da pesquisadora pela obra de Lispector.

O tema do amor é o fio condutor deste estudo por ser o elo e condição de possibilidade ao sujeito livre que reconhece no outro um Outro Eu e, a partir deste reconhecimento, constrói uma comunidade ética onde a vida é vivida pelo sujeito, ou seja, é na comunidade ética que o sujeito se manifesta como sujeito ético e transcende para o mundo e para o eterno ou divino.

3. A APRENDIZAGEM E O ENCONTRO

Ao longo do seu trabalho, a pesquisadora manteve-se fiel à temática principal do romance, ou seja, o aprendizado a partir do amor e pelo amor. A personagem do romance, Lóri, por amor aceita viver um processo de aprendizagem que se inicia no seu interior para expandir-se na vida cotidiana, temporal, onde o sujeito se identifica enquanto sujeito ético consigo mesmo. Entretanto, ele está aberto para a vida na comunidade e amplia sua percepção para além do cotidiano, chegando a transcender-se até o divino para ali encontrar a felicidade.

² Acerca do pensamento nacional cujo estudo de filosofia adotou o modelo da USP relativo às tradições francesa e alemã que incorpora a figura do “intelectual moderno” e prioriza o estudo da história da filosofia sobre o pensar filosófico, Lima Vaz in *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*, p.162, recomenda a coletânea de estudos de Paulo E. Arantes no sentido de elucidar o que para ele “a nova estrutura, edificada sobre a teoria da *representação*, passa a ser recebida por um novo tipo histórico, herdeiro do antigo *philosophos* e do teólogo medieval, ou seja, o *intelectual*, que aparece na cena da história como um dos **obreiros** mais eficazes na construção do sistema simbólico da modernidade” (grifo nosso).

A elucidação da relação entre tempo real onde o amor é vivido pelo indivíduo, "finito", e o divino, "infinito", o absoluto, foi ancorada na obra de Kierkegaard e elaborada em dois momentos que se completam. Primeiro, a trajetória da personagem na busca de Deus, que é questionado diante da dor e da angústia do não inteligível. Angústia de não conhecer o caminho a seguir, angústia por não saber o fim deste caminho e o que lá poderia encontrar. A trajetória da personagem Lóri passa por um longo caminho de aprendizagem que se inicia quando Ulisses manifesta o desejo de tê-la como mulher, porém sob a condição de que ela "aprendesse". Mas o que propriamente ela deveria saber? Esta incógnita a acompanhará. Há falta de horizonte angustia, por não compreender que Ulisses esperava que ela o reconhece como o outro Eu e concomitantemente a reconhecesse como "Eu sou". Senão veja, *"ele dissera uma vez que queria que ela, ao lhe perguntarem seu nome, não respondesse Lóri mas que pudesse responder 'meu nome é eu', pois teu nome, dissera ele, é um eu"*, (p. 71). Aqui Ulisses expressa simbolicamente o modo de ser do ser humano que se manifesta na "abertura", ou seja, no reconhecimento do outro como um Eu.

Mas, o aprendizado de Lóri não se restringe à abertura subjetiva e para o mundo, passa também pela liberdade, vez que, o homem vive na mediação ativa entre si mesmo. Sendo, pois, a primeira manifestação de liberdade o tomar consciência de si mesmo e, de o tomar consciência de estar no mundo com os outros. A liberdade imanente ao ser humano aqui é representada pela forma de "aprender" de Lóri. Lóri deve *"encontrar-se com eu próprio", "andar com suas próprias pernas"*, (p. 72). Tarefa difícil, uma vez que esta aprendizagem pode transformá-la, modificá-la internamente. E defrontar com uma nova realidade era algo que doía, causava medo. Medo do novo, do desconhecido, daquilo que era mistério por ser sagrado e, por ser sagrado, inteligível. Resta-lhe então fazer a difícil "escolha": continuar fechada para o mundo e para si mesma ou livremente abrir-se para uma nova vida.

Transpor o medo representava encontrar-se consigo mesma, encontrar a felicidade no amor, na vida vivida no cotidiano com o homem que também a amava. Mas, ir além, encontrar a felicidade na relação com o absoluto, o divino. Há, pois, liberdade propriamente humana, que se dá no espaço da relatividade que configura o que é próprio do humano, e há a liberdade plena que se dá pelo encontro com a absoluta liberdade do divino. Para referir-se a este encontro Lóri, usa uma linguagem simbólica *"descansa na palma transparente da mão de Deus"* (p. 79) e, encontra a liberdade absoluta, ou liberdade do Absoluto.

Após elucidar o modo humano de ser-com-os-outros no mundo como ser aberto, livre e de linguagem, Murta passa ao segundo momento de sua pesquisa, ou seja, identifica na linguagem literária de Lispector os conceitos kierkegaardianos de Deus e amor.

A aproximação entre o silêncio e o conceito kierkegaardiano de paradoxo. O paradoxo pode ser o outro nome do silêncio, na medida em que nada pode ser dito sobre ele, pelo menos nada que seja demonstrável, pois a razão não pode alcançá-lo. (...) Deste modo, podemos pensar que Kierkegaard coloca sob a rubrica do paradoxo não apenas a experiência religiosa, mas também tudo o que tem relevância ética, e este sentido o aproxima-se de Wittgenstein, que coloca sob a guarita do silêncio a parte não escrita da vida” (p. 102-103).

Portanto, o amor humano está intrinsecamente ligado ao amor divino. Amor ilimitado em face da finitude do ser humano, que, na obra de Lispector é mostrado simbolicamente pelo Silêncio, Nada, Deus, Solidariedade e Morte. O amor ilimitado fora representado pela autora como o oceano, contrapondo a pequenez humana. Nas palavras de Herrero,

sendo livre do ambiente e do instinto, o homem tem que criar seu próprio mundo para viver humanamente. E para isso, ele tem a capacidade de criar símbolos que lhe permitam mediatizar-se ativamente com toda a realidade (1982, p. 77).

É isso o que faz a personagem, após tomar consciência de sua pequenez no mundo, representar simbolicamente seus sentimentos para transcender-se de sua realidade e, ampliar seu horizonte. Esta foi, portanto, a trajetória da personagem Lóri que Marília Murta examinou sob a rubrica de princípios filosóficos kierkegaardianos.

4. CONCLUSÃO

A trajetória de Lóri, que percorreu o caminho da abertura pelo outro, pelo amor, pelo mundo e elevou-se ao absoluto em sua felicidade diante da morte é instigante por, pelo menos, duas razões. Inicialmente pela construção do aprendizado do ser humano, representado pela personagem, a qual se eleva ao todo do ser em uma relação que transcende ao divido apesar da pequenez humana. Eis a perspicácia da autora em evidenciar o problema do ser humano na vida vivida e sua relação com o divino a partir da linguagem literária.

Outro aspecto relevante é o mérito da pesquisadora pela pertinência em elucidar racionalmente, a partir de uma obra literária, o problema do ser humano e sua relação com o sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marília Murta de. *Um Deus no tempo ou um tempo cheio de Deus: o temporal e o eterno em Clarice Lispector, em diálogo com alguns conceitos de Kierkegaard*. São Paulo: Loyola, 2011. [Coleção FAJE]

HERRERO, Francisco Javier. O homem como ser de linguagem, in: PALÁCIO, Carlos (coord.), *Cristianismo e História*. São Paulo, Loyola, 1982, p. 73-95.

LIMA VAZ, Henrique C. de. *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica 2*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.